

‘TODAS AS ÁGUAS VÃO PARA O MAR’: UMA REFLEXÃO SOBRE OFERENDAS PARA IEMANJÁ NO NORTE DO TOCANTINS

Sariza Oliveira Caetano Venâncio¹

Introdução

Dona Maria Maciel de Medeiros contou-me que, ‘segundo a lenda’, Iemanjá tinha três filhos, Xangô, Ogum e Oxóssi. Iemanjá costumava sair e deixar os três filhos brincando de esconde-esconde. Um dia um deles, Oxóssi, se afastou mais do que deveria indo para a mata onde ele não deveria ter entrado; os outros ficaram em cima da casa esperando por ele, se escondendo também. Diz-se que não podiam entrar nas matas antigamente porque as coisas da mata pegavam, as bruxas e as fadas. Quando Iemanjá chegou viu que faltava um dos filhos, Oxóssi. Os outros dois filhos contaram que estavam brincando de esconde-esconde e que Oxóssi se afastou da casa. Ela se pôs a chorar e assim ficou por muito tempo por causa desse filho perdido. Dizem que o mar cresceu de tanto que Nossa Senhora chorou pelo filho. Foi das lágrimas dela que se formaram as águas pesadas e profundas. Por fim, foi Ogum que achou o filho para Mãe Iemanjá.

Por parte de Dona Valdeci Pereira Reis sabemos que Iemanjá foi ‘consagrada como a Nossa Senhora da Glória ou como Nossa Senhora dos Navegantes, por ser a deusa do mar’. A mesma teria sido materializada em forma de sereia, a qual adora receber espelhos, perfumes, rosas de todos os tipos e maquiagem como oferenda.

Histórias e detalhes como esses e outros são contados e recontados inúmeras vezes pelo povo de santo através da oralidade e da literatura. Autores como Reginaldo Prandi (2001), Lydia Cabrera (2004) e Pierre Verger (1981) nos agraciaram com histórias semelhantes em suas respectivas obras sobre o mesmo tema com narrativas recolhidas no Brasil, África e em Cuba, *Mitologia dos Orixás, Iemanjá & Oxum e Deuses Yorubanos na África e no Novo Mundo*. Assim como estes, outras diversas monografias, dissertações, teses e artigos trataram de escrever sobre tão famosa divindade iorubana e suas festas.

Para Verger (1981, p.73), “Iemanjá, cujo nome deriva de Yèyé omo ejá (“Mãe cujos filhos são peixe”), é o orixá dos Egbá, uma nação iorubá estabelecida outrora na região entre Ifé e Ibadan, onde existe ainda o rio Yemojá”. As procissões, festejos e oferendas para ela são ressaltados pelo autor como presentes em muitos povos desde a África até o Novo Mundo. Segundo Mundicarmo Ferretti (1999, p. 3) o costume de se fazer oferendas para Iemanjá no mar “surgiu no meio afro-brasileiro e teve uma grande

difusão no Rio de Janeiro na década de 1950”. A Umbanda teria continuado e incentivado tal ritual em muitas outras cidades brasileiras. Porém, o culto a Iemanjá, segundo a autora, é “originário da África negra e foi difundido originalmente nas Américas pelos povos Iorubá, mais conhecidos no Brasil como nagô”.

A Umbanda tem sua origem no Brasil e é resultado da integração e síntese de religiões afro-brasileiras, do catolicismo e do kardecismo. Para muitos de seus seguidores, e de acordo com alguns pesquisadores, o marco mais importante foi em 1908, quando Zélio Fernandino de Moraes, no Rio de Janeiro, recebeu em transe pela primeira vez o Caboclo das Sete Encruzilhadas, sendo ainda no mesmo ano realizado o primeiro culto umbandista (PORDEUS JR, 2008). Prandi (1995), por sua vez, defende que a Umbanda teria surgido por volta de 1920. Teria sido neste ano a fundação do “primeiro centro de Umbanda, que teria nascido como dissidência de um kardecismo que rejeitava a presença de guias negros e caboclos, considerados pelos espíritas mais ortodoxos como espíritos inferiores” (PRANDI, 1995, p. 68).

Os rituais umbandistas caracterizam-se pelo culto a espíritos e pela manifestação destes através do transe. Os tranSES ocorrem, principalmente com entidades que podem ser agrupadas em duas categorias: espíritos de luz – caboclos, preto-velhos e crianças; e espíritos das trevas – os exus (ORTIZ, 1991). Vale ressaltar que originalmente os caboclos nesta religião se diferenciam daqueles recebidos na Mina, e que os exus da Umbanda diferem das entidades de mesmo nome cultuadas no Candomblé e em outras denominações religiosas afro-brasileiras (FERRETTI, M., 2000).

A característica integradora da Umbanda a permite agregar em seus rituais diversos elementos de outras religiões. Os santos católicos estão presentes no altar e nas paredes assim como as rezas em seus rituais. Cada orixá do Candomblé é agregado a uma linha da Umbanda, dentre sete, como a principal entidade da linha correspondente. Como demonstra o primeiro mito contado por Dona Maria, e tantos outros escritos por Prandi (2001) e Cabrera (2004), Iemanjá é mãe de muitos orixás, os quais são cultuados em muitas religiões afro-brasileiras, em especial a Umbanda. Os caboclos recebidos durante os ‘trabalhos’ devem vir, assim como os espíritos no Kardecismo, para ‘trabalhar’, ou seja, devem vir para ajudar as pessoas na terra através de conselhos e da cura, a fim de que eles consigam evoluir se tornando espíritos de luz. Essas e outras especificidades das três religiões citadas fazem parte dos mitos e ritos dentro da Umbanda. Contudo, é importante ressaltar que o sincretismo não ocorre somente no que tange essas três religiões.

De acordo com documentação da Tenda Espírita Umbandista Joana D'arc esta teve seu registro de fundação em março de 1979. Porém, de acordo com relatos da dirigente Dona Valdeci ela já estaria na cidade trabalhando desde aproximadamente 1975. Atualmente Dona Valdeci é a responsável pelos alvarás de funcionamento das outras tendas umbandistas na cidade. A região faz parte da Confederação Espírita Umbandista no Brasil situada em Brasília. A documentação da outra Tenda e de outras ainda não nos foi permitido acesso, mas através de relatos de Dona Maria, dirigente da Tenda São Sebastião, e de outros dirigentes, foi na década de 1970 quando boa parte dos dirigentes chegaram em Araguaína. A chegada de diferentes pessoas de diferentes lugares, Piauí, Maranhão e Pará principalmente, contribuiu para contextos ainda mais sincréticos no seio da Umbanda, como a presença de encantados – entidades do panteão do Tambor de Mina – nos rituais observados na cidade nas casas umbandistas.

Entretanto o que nos interessa nesse trabalho são as interpretações e reinterpretções realizadas pelas dirigentes mencionadas, D. Maria e D. Valdeci sobre Iemanjá e as oferendas dedicadas a ela. Para tanto, lançamos mão da descrição densa (GEERTZ, 1987) de dois rituais por compreender que a descrição deve ser feita de modo a perceber os símbolos, as ações grupais dentro de quadros de significação socialmente construídos. Os rituais foram acompanhados e deles foram coletados letras de pontos (músicas) e fotos. Foram realizadas, também, entrevistas em momentos posteriores.

‘O melhor dentro das nossas possibilidades’.

O ritual na Tenda de D. Valdeci iniciou-se às oito horas da noite do dia 31 de dezembro de 2011, sábado. Como de costume os trabalhos foram abertos com rezas e com o hino da Umbanda. Nesta casa não há a presença de instrumentos durante o ritual, sendo apenas utilizadas as palmas como complemento sonoro para os cânticos/pontos/doutrinas. Na assistência éramos apenas três pessoas, contudo no salão dez pessoas participavam dos trabalhos. Todos estavam vestidos de branco e o salão não trazia enfeites específicos para Iemanjá. No dia anterior em visita a casa, todos estavam trabalhando na Tenda retirando tudo de dentro e lavando para depois recolocarem no local após a limpeza geral do salão. D. Valdeci disse que a limpeza é necessária para deixar no ano velho as coisas velhas e ruins, e trazer coisas boas para o ano novo. Deste modo, entregam para Iemanjá as oferendas pedindo que ela leve toda a sujeira do ano velho para as profundezas do mar, e traga paz, força, saúde e proteção para todos no ano que se inicia.

Pode-se observar que muitos cânticos (pontos ou doutrinas como são chamados pelo povo de santo) sobre águas salgadas e doces foram entoados durante a noite. Juntamente com eles pode-se notar a presença de várias entidades chamadas ‘das águas’ durante os transes, identificando, assim, a importância da Linha das Águas ou de Iemanjá naquela noite, a saber nos exemplos:

No palácio onde eu moro só se apanha areia do mar
Quando o mar é manso a canoa não vira.
Meu nome é José de Ribamar
Eu moro em alto mar
Quando o mar é manso a canoa não vira.

E,

No mar tem dois navios
No meio deles tem dois faróis (2x)
É a esquadra da marinha brasileira Mariana
Lá na praia dos Lençóis
Ela é marinheira, ela é marinheira
Ela é patrona da marinha brasileira.

E,

Eu vi mamãe Oxum na cachoeira
Sentada na beira do rio (2x)
Colhendo lírio, lírio, ê
Colhendo lírio, lírio, á
Colhendo lírio pra enfeitar o seu congá.

E,

Saravá nossa mãe Iemanjá
Iemanjá ó rainha do mar
As águas do mar rolou (4x)

E,

Iemanjá é a rainha do mar
Ô Iemanjá é a rainha do mar
Salve Santa Bárbara Virgem
Salve São Sebastião
Salve a Santa Iemanjá
São Cosme e São Damião.

Apesar da presença de pontos relacionados aos rios e às cachoeiras, percebemos que a ênfase maior é dada para as águas salgadas. O que poderia nos indicar o fato de considerarem Iemanjá como mãe das águas do mar. Contudo, Dona Valdeci nos afirma que

Iemanjá é mãe de todas elas, sem distinção. Dona Maria em concordância com a afirmativa anterior nos informa que Iemanjá mora nas águas salgadas, mas que doce ou salgada todas pertencem a ela.

Uma das características do trabalho etnográfico é pautar as descrições nas “condições sob as quais as observações foram efetuadas e as informações recolhidas” (MALINOWSKI, 1997, p. 18), ou seja, é justamente contextualizar o observado, o escutado. Tal característica se torna importante uma vez que o rito pode assumir formas diferentes de acordo com as circunstâncias (DURKHEIM, 2008). Mircea Eliade (1994, p.11), por sua vez, aponta que “o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares”. Desta maneira, podemos compreender como os ritos, os mitos postos em ação, neste caso referente à Iemanjá, são reinterpretados diferentemente por diversas religiões e regiões do país.

Mundicarmo Ferretti (2001) mostra que para Dona Deni, dirigente atual da Casa das Minas no Maranhão, Iemanjá nem sempre foi deusa do mar. No relato da mineira transcrito pela autora com um dos mitos de Iemanjá, nenhuma menção à água salgada é feita, e sim a um rio. Em um dos mitos transcritos por Prandi (2001, p. 382) Iemanjá é simplesmente descrita como sendo as Águas de cujo ventre nasce outros tantos orixás, sendo alguns deles deuses e deusas de lagos, rios e mares. Apesar dos mitos coletados por nós se referirem ao mar como lugar por excelência de Iemanjá, percebemos que independente da característica das águas, o que vemos é que ora ela é associada ao mar, ora aos rios e ora a ambos.

Após o encerramento dos trabalhos dentro na Tenda Espírita Umbandista Joana D'arc já próximo da meia-noite, Dona Valdeci nos convida para realizar a oferenda para Iemanjá. Há em seu quintal, quase na entrada da Tenda uma pequena área circular cheia de água, a qual ela denomina ‘lago’. Ali no meio pode-se observar sobre uma pedra uma estátua de Iemanjá mulher com cabelos longos e negros caídos sobre a pele branca e vestido azul, e uma outra estátua dela sereia deitada em cima de uma concha azul. Duas velas azuis foram dadas para cada pessoa ali presente para serem acesas ao redor do ‘lago’. Dona Valdeci veio com um prato cheio de pequenas pétalas de rosas de diversas cores (amarela, rosa, branca) as quais foram colhidas horas antes no seu próprio jardim. Estas foram lançadas também na água presente no ‘lago’. Por fim, a dirigente abriu um champanhe comemorando o aniversário de Iemanjá. Derramou um pouco na água e depois

deu um gole da bebida para todos os presentes convidando em seguida para a ceia que ela tinha preparado.

Somente um ponto para Iemanjá foi cantado durante o ritual externo ao salão, a oferenda. Dona Valdeci ao ser perguntada sobre a oferenda realizada em sua casa e o fato de não ter sido realizada em um rio ou no mar responde, 'Iemanjá está presente em todas elas (se referindo a água), e a gente faz o nosso melhor, dentro das nossas possibilidades'. Dona Valdeci se refere ao fato de que também não pode sair de casa, uma vez que o marido está enfermo e precisa de constante atenção.

'Todas as águas vão para o mar'.

No dia 1º de janeiro de 2012 a festa para Iemanjá na Tenda São Sebastião na cidade de Araguaína começou cedo. Eram seis horas da manhã quando as rezas começaram, e logo em seguida foi a vez dos tambores acompanharem as doutrinas entoadas pelos filhos-de-santo da casa. O salão estava todo decorado nas cores azuis, brancas e pratas. Um altar havia sido feito para Iemanjá. Ali via-se uma estátua representando ela enquanto mulher, e à sua frente uma bacia de água e um vidro de perfume de Lavanda. A imagem dela estava entre dois vasos repletos de rosas. Um tapete de aproximadamente 2 metros de comprimento e 50 centímetros de largura estava estendido na frente do altar. O tapete estava coberto de rosas brancas naturais. A parede oposta aos dois tambores e ao lado do altar de Iemanjá tinha um pano azul estendido e sob ele a seguinte frase escrita com letras recortadas em papel laminado prateado: *Parabéns minha mãe Iemanjá. Princesa das águas, rainha do mar. Me guie e me defenda em qualquer lugar que eu andar.*

Através de frases como esta, de pontos como os que seguirão abaixo, assim como a oferenda já citada aqui e as que estão por vir, o mito é revivido. Se as mitologias compartilhadas por um grupo é o conjunto de crenças comuns, assim o rito serve para manter vivo determinado conjunto na memória de seus membros (DURKHEIM, 2008, pp. 447-448). Ritos estes que no caso das duas Casas tem início com a faxina que é feita nos salões, com as rezas, com o bailado, etc.

A frase acima foi cantada na parte da noite para Iemanjá no momento dos seus parabéns ao cortar um bolo de aniversário decorado com detalhes azuis e brancos. Juntamente com o bolo foram servidas frutas e refrigerante para todos os presentes. A festa para o orixá, assim como suas oferendas, por mais que se trate de cerimônias religiosas nos

desperta a ideia de festa leiga. O bolo e refrigerante em uma Casa, o champanhe e refeição na outra aponta as similitudes entre ambas as festas. Durkheim (2008) já enfatizava a conexão existente entre festa leiga e religião. Para o autor, as duas cerimônias “tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento massas e suscitar assim estado de efervescência” (p. 456).

Durante todo o dia 1º de janeiro até às dez da noite houve trabalho na Tenda de D. Maria. Alguns momentos foram tirados para descanso dos filhos-de-santo. Estes estavam no número de dez, sendo apenas um deles do sexo masculino. Segue alguns pontos que foram ouvidos em especial para Iemanjá durante esse dia:

As ondas do mar são alta mamãe
 Ninguém pode atravessar
 Eu peço a sua benção
 Venha para nos guiar
 Vós sois rainha do céu
 Vós sois rainha do mar
 Vós sois a nossa mãe
 Ô minha mãe Iemanjá.

E,
 Salve as conchinhas douradas
 Salve quem aqui está
 Salve mamãe sereia
 Que todo mal vai levar.

E,
 Tô na Mina
 Tô na água
 Tô no reino de Oxalá
 Sou a princesa das águas
 Sou a cabocla Indaiá.

E,
 Eu fui á beira da praia, pra ver o balanço do mar (2x)
 Eu vi um retrato na areia, me lembrei da Sereia,
 Comecei a chamar
 Ô Janaina vem ver,
 Ô Janaina vem cá,
 Receber estas flores, que venho lhe ofertar.

Apesar de pontos de outras linhas terem sido tocados, como é o caso da Linha dos Mineiros, ou dos Baianos, durante o dia dedicado para Iemanjá, Dona Maria disse que é

porque ‘essas entidades mesmo não pertencendo às águas vem saudar e parabenizar Iemanjá’. Percebemos que as entidades que ‘desciam’ nos filhos-de-santo e na dirigente iam sempre até o altar de Iemanjá e molhavam a cabeça na bacia em frente a imagem. Apesar dos trabalhos terem sido realizados até às dez da noite, as oferendas ainda não foram realizadas nesse dia, ficando para o amanhecer do dia seguinte.

No dia 02 de janeiro acompanhei Dona Maria com duas de suas filhas e um filho, que também são seus filhos-de-santo, mais um amigo deles até o rio que banha a cidade de Araguaína, o Lontra. Este é afluente do rio Araguaia, o qual tem sua foz no rio Tocantins que deságua no rio Amazonas seguindo rumo ao mar. Ainda não eram seis horas da manhã quando ali chegamos. Dona Maria contou que era importante fazer a oferenda exatamente às seis da manhã porque era o horário que as águas acordam. Segundo ela, ‘elas dormem às seis da tarde e despertam pela manhã, e que é algo que se pode observar quando se chega mais cedo na beira do rio’.

O ponto exato do rio Lontra escolhido para deixar a oferenda fica nos fundos do instituto privado de ensino superior da cidade, ITPAC - Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos. Próximo do local foi construída uma barragem, a qual podia ser avistada do local onde nos encontrávamos. Quando perguntada sobre o porquê do rio já que Iemanjá moraria no mar, Dona Maria disse que apesar disso ‘ela iria receber a oferenda porque Mamãe Oxum ia levar e entregar diretamente para ela’, uma vez que “todas as águas vão para o mar”. Tal explicação nos remete a alguns dos mitos coletados por Prandi (2001) e Cabrera (2004) em que “Iemanjá, o rio, corre para o mar” quando em apuros.

D. Maria entregou para cada um três velas, uma branca, uma azul e uma rosa. Disse que era para acendermos e colocar em algum local próximo à margem do rio fazendo pedidos para Iemanjá. Somente ela, uma das filhas e o filho ficaram com nove velas, sendo três velas azuis, três rosas e três brancas. Segundo informações recolhidas posteriormente com D. Maria as três cores são referentes à Iemanjá, Oxum e Oxalá, respectivamente.

A dirigente havia confeccionado com isopor um pequeno barco de aproximadamente um metro de comprimento. Ela com o auxílio das duas filhas colocaram cuidadosamente e organizando com muito zelo as rosas no barco. Apenas uma rosa vermelha foi colocada entre as dezenas de rosas brancas. A explicação dada por D. Maria para a solitária rosa vermelha no barco de Iemanjá são duas: primeiro porque, segundo ela, o vermelho representa o Divino Pai Eterno, e que como o ano bissexto, logo carregado de

coisas ruins, de acidentes, ela pede para o Pai Eterno ajudar a passar por esse ano de dificuldades. Segundo, que a cor também faz referência á entidade pomba-gira que ela recebe em transe, a qual só realiza seus pedidos com a permissão do Pai Eterno. Segundo D. Maria, ela pede permissão para ele para que suas guias venham auxiliá-la durante o esse ano difícil.

Voltando ás margens do rio Lontra, ainda dentro do barco foi colocado um generoso pedaço de bolo da festa do dia anterior. Dona Maria com leveza derramou uma colônia de Lavanda sobre as rosas perfumando não somente o barco, mas também todo ar. O frasco vazio foi agasalhado entre as rosas também.

Com o auxílio dos filhos, Dona Maria desceu até a margem do rio e colocou o barco nas águas. Na margem oposta estavam dois pescadores que recolhiam suas redes e observavam tudo com muita discrição. Eram aproximadamente seis e dez da manhã quando o barco começou a descer lentamente o rio sendo observado por todos. Nenhuma reza foi declamada e nenhum ponto foi entoado. Os olhares foram acompanhando a barco para ver se este não ficava preso por algum galho ou parava nas margens do rio. Segundo uma das filhas, seria um sinal da não aceitação de Iemanjá da oferenda. Mas nada disso aconteceu, o barco alvo e perfumado, repleto de rosas deslizou rio abaixo sem empecilhos até não mais poder ser visto por nossos olhos.

Considerações finais

Uma das principais características da Umbanda é a capacidade sincrética religiosa que ela possui (ORTIZ, 1991). A presença do orixá Iemanjá, pertencente ao panteão de um povo africano, nesta religião nascida em solo brasileira, vem validar tal característica. Contudo, vimos que as configurações regionais são fatores importantes para esse sincretismo. Na Umbanda em Araguaína, ao menos nas duas Tendas aqui apresentadas, a presença nos rituais e nos mitos, não somente do Candomblé, do Catolicismo e do Kardecismo são visíveis. Podemos perceber a influência das religiões maranhenses, em especial do Tambor de Mina, nelas.

A cidade de Araguaína está localizada no norte do Estado do Tocantins. O Estado faz fronteira com Bahia, Mato Grosso, Goiás, Piauí, Pará e Maranhão. Estes últimos quatro Estados, devido sua maior proximidade com a cidade de Araguaína e devido a intensos processos migratórios acabaram se tornando referência para grande parte da população local (SILVEIRA, 2009).

Se a região fronteira possibilitou a agregação nos rituais e mitos de outras religiões, a mesma região, devido a sua distância do litoral, contribuiria para a reinterpretação das oferendas mitológicas de Iemanjá. Quando práticas, ações, ritos são colocado em ação o risco de mudança nelas e em seus significados ocorrem (SAHLINS, 1990). As ressignificações tomam a cena devido a nova realidade econômica, regional e social de cada grupo, permitindo assim, a mudança dos ritos, e quem sabe, dos mitos. Desta forma, o não acesso ao mar, as dificuldades de locomoção não impossibilitou as oferendas ao orixá. Cada Tenda, a sua maneira, ressignificou suas devoções e pactos com as águas através de um ‘lago’ ou de um rio.

Bibliografia

- CABRERA, Lydia. Iemanjá & Oxum. São Paulo: EdUSP, 2004.
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares de vida religiosa. São Paulo: Paulus, 2008.
- ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.
- FERRETTI, Mundicarmo. Iemanjá não era a rainha do mar: o culto a Iemanjá no Maranhão. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore. Nº 21, dez. 2001, pp. 10-12.
- _____. Desceu na guma: o caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís – a Casa Fanti-Ashanti. São Luís: EDUFMA, 2000.
- _____. 31 de dezembro - Dia de Festa no Mar. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore. Nº 15, dez. 1999, pp. 03-05.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Os argonautas do pacífico ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné e Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PORDEUS JR, Ismael. Uma religião brasileira. In: Enredo: revista da cultura. Secretaria da Cultura – Governo do Estado do Ceará. Nº01, dez. 2008, pp. 55-61.
- PRANDI, Reginaldo. As religiões negras do Brasil: Para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros. Revista USP. São Paulo, Dez./Fev. 1995/1996, pp. 64-83.
- _____. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SAHLINS, Marshall. Ilhas de História. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- SILVEIRA, M. C. B. Herdeiros de Sísifo: trabalho e trabalhadores no norte do antigo Goiás 1960 - 1975. Porto Alegre: Editora Universitária/UFPEL, 2009.
- VERGER, Pierre. Deuses Yorubanos na África e no Novo Mundo. Corrupio: Salvador, 1981.

¹ Mestranda em Ciências Sociais – Universidade Federal do Maranhão